



## O BOJADOR NO NEVOEIRO DAS LETRAS

### THE BOJADOR IN THE MIST OF ARTS

Bernardo Antônio Gasparotto<sup>1</sup>

**RESUMO:** O estudo realizado sobre as obras *Mar Português*, presente na coletânea de poemas *Mensagem*, originalmente publicada em 1934, de Fernando Pessoa e *Os Lusíadas*, publicada no ano de 1572 por Luis de Camões, terá como principais objetivos: observar as relações intertextuais que se estabelecem entre ambos os textos, bem como realizar uma análise interpretativa que se aventura sobre diversas possibilidades de leitura da produção de Fernando Pessoa. Para auxiliar no desenvolvimento do presente estudo optou-se por buscar substrato teórico (ainda que não manifestado de forma explícita no corpo do presente trabalho) em Erich Auerbach com sua obra *Mimesis* (1994) e Northrop Frye com *Anatomia da crítica* (1980), não sendo possível se escusar de pagar tributo também a Aristóteles com sua *Arte retórica e arte poética* (1984). Esta espécie de referência de natureza mais clássica não pode ser deixada de lado quando se pretende abordar obras como *Mensagem* e *Os Lusíadas*, que podem ser classificadas como integrantes do escalão da Literatura Clássica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Portuguesa; Crítica Literária; Literatura Clássica; Os Lusíadas; Mensagem.

**ABSTRACT:** The study made regarding the works *Mar Português*, present in the poem collection *Mensagem*, originally published in 1934, by Fernando Pessoa and *Os Lusíadas*, published in 1572 by Luis de Camões, will have as its main objectives: observe the intertextual relations that can be established between both texts, as well as making an interpretative analysis on the diverse possibilities of reading Fernando Pessoa's production. To help the development of the present paper an option was made to search for theoretical assistance (even though it is not manifested explicitly in the body of the present paper) in Erich Auerbach with his work *Mimesis* (1994) and Northrop Frye with *Anatomia da Crítica* (1980), not being possible to overlook and not bpay a tribute to Aristotle and his *Arte retórica e arte poética* (1984). This type of reference, of a more classical nature, cannot be put aside when there is an intention to approach works such as *Mensagem* and *Os Lusíadas*, that can be classified as members of the Classical Literature pantheon.

**KEY-WORDS:** Portuguese Literature; Literary Critic; Classical Literature; Os Lusíadas; Mensagem.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Cascavel. Bolsista CAPES/CNPq. [odranreb66@zipmail.com.br](mailto:odranreb66@zipmail.com.br)



**MAR PORTUGUÊS:** Fernando Pessoa

1. Ó mar salgado, quanto do teu sal
2. São lágrimas de Portugal!
3. Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
4. Quantos filhos em vão rezaram!
5. Quantas noivas ficaram por casar
6. Para que fosses nosso, ó mar!
  
7. Valeu a pena? Tudo vale a pena
8. Se a alma não é pequena.
9. Quem quer passar além do Bojador
10. Tem que passar além da dor.
11. Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
12. Mas nele é que espelhou o céu.

O presente trabalho pretende desenvolver uma análise-interpretativa (sobre vários enfoques) acerca do poema *Mar Português*, décimo poema de *Possessio Maris*, final da segunda parte do *Mensagem* (1934), única obra publicada em vida pelo grande poeta português Fernando Pessoa. Como é sabido a obra *Mensagem* estabelece um diálogo intertextual com outra grande obra da literatura portuguesa, *Os Lusíadas* (1572), de Luís Vaz de Camões que cantou a pátria lusa no esplendor das conquistas dos mares e das terras de além mares. Entretanto a situação à época do *Mensagem* é inversa a d'*Os Lusíadas*. Passados mais de quatrocentos anos, Portugal vive sobre os estertores da monarquia que agoniza lentamente e sobre o espectro da Segunda Guerra Mundial que se avizinha, trazendo como penhor os quarenta anos da ditadura salazarista.

Interessante observar que *Mar Português* é um poema predominantemente lírico, mas que devido à tópica recortada, acaba por tingir-se de inúmeros matizes épicos. Se olharmos para o nível gráfico-visual e sonoro, veremos que ele segue uma metrificacão de modo a alternar versos de oito e de cinco (redondilha menor) sílabas poéticas. Estruturalmente,



estes versos estão distribuídos em duas estrofes de seis versos cada e possui rimas emparelhadas em três pares, a temática que envolve a sua efabulação refere-se ao período glorioso da história do povo português, enaltecendo seus feitos e valores, cantando feitos grandiosos e que relacionam-se com situações fantásticas e seres míticos. Já em relação ao poema *Os Lusíadas* trata-se de uma obra nitidamente de cariz épico que por seu turno possui episódios de alta carga lírica, o que não é de se espantar uma vez que a epopéia foi um gênero sempre solidário na criação de outros gêneros predominantemente líricos, de poemas, odes, sonetos, canções.

Realizada essa breve contextualização acerca dos autores e suas obras cremos ser o momento de iniciarmos a análise do poema. O primeiro ponto a ser observado refere-se ao eu lírico, no poema *Mar Português* podemos perceber que o sujeito lírico dirige-se a dois públicos distintos, um na primeira estrofe e outro na segunda. No primeiro caso, mediante a visualização do verso “1”, percebe-se que o ele se dirige ao “mar” como interlocutor, o que resta claro pela evocação “Ó mar salgado” (primeiras três palavras da obra), e termos utilizados posteriormente como “teu” (verso 1), “te” (verso 3), e pelo desfecho da primeira estrofe quando repete a evocação proferida no início do primeiro verso, “ó mar!” o mar é invocado e personificado como alguém que sente de modo humano.

Entretanto, na segunda estrofe o interlocutor a quem o “sujeito lírico” se dirige deixa de ser o mar e passa a ser o ente metafísico, o humano que transcende o humano. Podemos ver esta afirmação quando da realização da pergunta no verso 7, ainda que sendo respondida logo em seguida, e pelos termos “Quem” (no verso 9) e “Tem” (verso 10), que claramente referem-se a qualquer pessoa, de forma indiferente, mesmo indistinta, que ultrapassa os limites do simples desafio para recair numa necessidade premente um dever imposto àqueles que ousar ir além dos limites estatuídos. Sabemos que neste aspecto sujeito lírico no papel de enunciador estabelece um dever/fazer para o leitor que por esta modalização deôntica se vê forçado a repensar seu agir para saber se sua alma é ou não é pequena. O discurso do eu lírico quando observado em comunhão com a pergunta e resposta propostas nos versos 7 e 8, torna-se assim uma meta imposta apenas àqueles que estivessem dispostos a enfrentar os riscos, enfrentar os “bojadores”, que a vida erige em obstáculo à plenitude humana e dispõe entre o humano e a superação e ultrapassagem de



si mesmo, no afã de atender ao chamado da vocação ontológica de ser mais e não menos.

No que tange a questão da análise temática do poema, interessante realizar uma observação pontual. Começando pelo título dado à obra podemos perceber que existe uma clara ligação entre o povo português e o mar, desde a fundação de Portugal, mas, especialmente, se tivermos em mente a época evocada no poema e a temática que ele remete, é natural que seja imputada à nação lusa o antigo domínio sobre os mares visto que nos séculos XIV e XV Portugal foi o principal "Estado" no que se referia à expansão marítima e a colonização de novas terras, chegando ao ápice de naqueles tempos ser conhecido em todo o mundo como "o país onde o sol nunca se põe", uma vez que possuía territórios espalhados por todos os continentes conhecidos. Tendo sido este ponto esclarecido não há que se questionar a idéia passada pelo título da obra que imputa a "propriedade" do mar ao povo português, ao menos no que se refere a uma determinada época na história do desenvolvimento do mundo moderno.

No primeiro verso quando Fernando Pessoa usa da expressão “Ó mar salgado” está realizando mais do que um chamado, está fazendo uma espécie de reverência, atestada pela modalização afetiva de grafar a expressão toda com letra maiúscula. De certa forma essa modalização confere grau de respeito e um alto valor ao mar, inclusive dando vida para o mesmo, transformando-o em uma figura, caracterizando assim uma prosopopéia e identificando, como fora mencionado no parágrafo anterior, a quem o eu lírico está se dirigindo. Em "quanto do teu sal", na palavra "quanto" pode-se perceber um caráter de "caro", de algo que tenha custado muito, como se todo o sal existente no mar fosse fruto não de processos químicos naturais e sim do sofrimento, das lágrimas derramadas pelo povo português. A construção é magistral porque ele faz uma analogia entre o sal das lágrimas com o sal do mar. Tal comunhão entre o mar e as lágrimas do povo português acaba por criar um amálgama, como se todo o oceano fosse parte português, ou mesmo como se fossem um só ser tal a identidade entre as duas figuras, uma vez que comungam uma longa história. O esforço a dor o sofrimento a saudade de todo um povo são tomados aqui metonimicamente apenas pelo sal das lágrimas que se estendem para recobrir todos os mares. Pode-se ainda observar a existência de uma marca de pontuação no fim do segundo verso, um ponto de exclamação logo após a menção de Portugal, o que vem a



expressar de forma clara o *pathos* que anima o eu poético e o tom elevado de sua poesia. Ele deseja transmitir essa animação ao demais, exaltando a nação que se agora está imersa em decadente nevoeiro, fora outrora, por tanto tempo, o império a dominar o mundo conhecido. Existe também um tom elegíaco nos dois primeiros versos, como que se o poder daquela nação tivesse sido reduzido ou esquecido, como uma lembrança dolorosa, de forma saudosista.

No terceiro verso "Por te cruzarmos, quantas mães choraram", na primeira parte percebe-se que houve uma "vitória" do povo português, que eles alcançaram seu objetivo que era cruzar o mar, mas tal conquista se deu a um custo. Pela palavra "quantas", percebe-se que não foi um preço pequeno, uma vez que dá a se entender que foram muitas mães que prantearam seus filhos que partiam em busca de uma vida melhor, de oportunidades nas grandes viagens que ocorriam via marítima. Um ponto que nesse verso merece ser observado é que nas grandes obras épicas do passado, a figura da mãe era muito pouco explorada, na verdade tal figura até era mencionada e mesmo o vínculo mãe filho era expresso (como no caso da *Ilíada*, do relacionamento entre Tetis e Aquiles que aparece logo antes da partida para Tróia), mas nunca com grande importância, enquanto que no poema de Fernando Pessoa, ela toma uma grande força, é vista com respeito, e o fato delas chorarem justifica-se uma vez que uma das piores dores que uma mulher pode sentir é perder seu filho, pois trata-se de algo antinatural, afinal "os filhos não deveriam morrer antes dos pais", compreensível este fato uma vez que a mulher passa nove meses com dores e outros sofrimentos até que ocorra o parto, depois são praticamente duas décadas criando e orientando os filhos, o vínculo é indissolúvel, natural que seja tida como uma das maiores dores que uma mulher possa sofrer. Outra nuance que merece ser observada e que pode ser interligada ao verso anterior diz respeito ao fato das mães e esposas ficarem a espera de seus entes queridos a beira dos rochedos, uma vez que Portugal possui uma extensa fronteira com o mar em forma de rochedos e não de areia (praia), assim, do alto de tais paredões de pedras, as mulheres pranteavam seus homens, por saudades, esperança ou desilusão... daí a relação entre a água salgada do mar e o pranto do povo português.

Partindo para o quarto verso: "Quantos filhos em vão rezaram!", novamente aqui surge a questão da quantidade, em "Quantos" pode-se perceber que o número de infantes



que esperavam pelo retorno de seus pais era incontável e observa-se que os filhos tinham esperanças de que os pais retornassem, uma vez que eles rezavam afim de que eles voltassem sãos e salvos, quiçá com seus objetivos conquistados, mas tal prática era mantida "em vão" pois a regra eram as coisas não saírem como o esperado e que os pais se "perdessem" em seus sonhos. Neste verso observa-se que Fernando Pessoa da voz, valoriza os "filhos", considerando as ações destes como, de certa forma, importantes, esta perspectiva se coloca como uma forma de contraponto ao que sempre se desenvolveu nos textos épicos, que raramente davam o devido valor ao relacionamento pai-filho, ao menos no sentido de que as ações dos filhos tivessem qualquer influência sobre o enredo da obra ou as ações que os pais realizavam diante dos obstáculos que eram encontrados em suas "jornadas".

Em "Quantas noivas ficaram por casar" pode-se observar uma espécie de produção de sentimentos de natureza também melancólica, primeiramente em relação às noivas que deixadas em terra firme por seus amantes, que buscavam a fortuna e que pelo verbo "ficaram" entende-se que nunca retornaram, acabavam frustradas uma vez que se já estavam prometidas ou as que já haviam casado estavam fadadas a permanecerem o restante de suas vidas sozinhas, tristes e envergonhadas pelo fato de a sociedade da época relegar a um outro plano tais mulheres, estigmatizando-as, uma vez que elas viviam por seus homens, que eram tidos como orgulho, raça, poder e força de sua pátria, só eram consideradas mulheres (Donas), seres relevantes para a sociedade portuguesa quando casadas e gerando os novos filhos de Portugal, quando amadas tornam-se humanas e belas, e quando fustigadas não tinham direito de chorar frente a seus senhores, apenas restava-lhes ajoelharem-se, implorarem. No entanto, mesmo sendo punidas cotidianamente quando eles embarcavam seus homens o que lhes restava era tecer longos bordados, mil quarentenas. No contexto em que viviam pouco espaço restava para as mulheres, não tinham gosto ou vontade, nem defeito, nem qualidade, até tornarem-se Donas, pois somente estas eram objeto da criação poética dos autores da época (como as cantigas de amor, produzidas no período literário conhecido como Trovadorismo), apenas elas tinham os "requisitos" necessários para serem consideradas "objetos de desejo" e, ainda assim, não se livravam do medo. "As jovens viúvas marcadas e as gestantes abandonadas não fazem



cenar vestem-se de negro, se encolhem se conformam e se recolhem as suas novenas serenas". Enfim, apenas restava às mulheres portuguesas e às européias como um todo, quando "abandonadas", secar por seus maridos, uma vez que acabavam sendo deixadas de lado pela família, ou enclausuradas em conventos, uma vez que era preferível não ter filha, frente a sociedade, do que ter um estorvo em casa, uma solteirona que não foi considerada boa o bastante para exercer sua função de mulher na sociedade, que seria, tão somente, garantir a perpetuação da espécie.

Partindo para o último verso da primeira estrofe temos: "Para que fosses nosso, ó mar!", interessante observarmos que o autor termina a primeira estrofe repetindo o chamado com que começou "ó mar", ainda em um tom de respeito, uma forma de reverência, no entanto no início do verso percebemos que o mar foi dominado pelo povo português, aquele ser que nunca antes fora vencido, naquele momento se entregara perante a força e a glória de Portugal. A parte "Para que fosses nosso" dá ainda uma impressão de uma espécie de submissão, domínio físico, como aquele que ocorria entre o homem e a mulher, na época em que se passa a temática da primeira estrofe, como se o oceano pela primeira vez estivesse sendo dominado, como uma amante, que perde sua virgindade frente ao viril povo português. No entanto podemos perceber que o verbo "fosses" está no passado dando a entender que o domínio foi quebrado, e que o que agora existe não passa de uma lembrança nostálgica dos tempos de outrora, o mar (oceano) não mais pertence ao povo português, tudo que resta agora são as lembranças de um passado glorioso, de dores sofridas e objetivos conquistados, mas sem a ambição da perpetuação, talvez uma esperança de que os tempos áureos da história portuguesa regresse, mas nada além disso, apenas uma elegia, a meu ver um réquiem para um passado morto e distante, tanto da realidade do autor quanto da atual.

Passando para a segunda estrofe tem-se os seguintes versos "Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena", nesta pergunta pode-se realizar uma análise intertextual com a obra *Os Lusíadas* de Camões, sendo mais específico o episódio do Velho do Restelo. Antes de qualquer coisa, importante tecer algumas explicações, Restelo é de onde Vasco da Gama partiu com seus homens, deixando para trás as mulheres e crianças de seus marinheiros, e é desta turba que surge a figura do velho (que em quase



toda a história da literatura, teve sua figura relacionada com a sabedoria e bom senso), que com uma voz forte que se faz ouvida até os navios que já partem tece um discurso pesado, condenando a aventura a que se propõe o povo português, uma vez que o que motivava tal empreitada era apenas a cobiça, o desejo por riquezas, poder e fama. Os portugueses lançavam-se e concentravam suas forças em uma aventura incerta, ao invés de centrarem-se nos problemas que seu país sofria naquela época, uma vez que suas fronteiras ainda não estavam totalmente livres do assédio mouro, e com uma organização social caótica. Enfim, percebe-se que o “Velho do Restelo” figura a opinião conservadora da sociedade da época, da opinião popular, ainda que não heróica, uma vez que historicamente não há porque se imaginar que o populacho português detivesse qualquer característica heróica, por mais que a epopéia se esforce para demonstrar a grandiosidade de uma nação ela somente o pode fazer centrando sua visão em poucas personagens, uma vez que a sociedade como um todo, seja em tempos primitivos, seja na contemporaneidade, é medíocre, conformista, acomodada, apenas a espera de alguém que a guie e resolva as coisas por ela, características que em nada se assemelham a uma conduta heróica. Mas, retornando ao poema de Fernando Pessoa, podemos perceber a presença do “Velho do Restelo” na frase “Valeu a pena?” que traz toda uma carga de contrariedade em relação a aventura portuguesa, como uma pergunta se todas as lágrimas derramadas, todas as vidas perdidas, todos os riscos corridos pelos homens e pela nação, todo o sofrimento dos que alguma coisa perderam pela ambição de poucos realmente valeu a pena? Nisso o eu lírico se expressa imediatamente após a interrogação, afirmando que “tudo vale a pena se a alma não é pequena”, tal resposta vem como um lenitivo, um alento ao povo português, que mesmo tendo muito perdido alcançou seu objetivo, conquistou o mar e posicionou-se como o maior Estado na época das navegações. Inclusive o sujeito lírico enaltece o povo português, sua grandiosidade d’alma, seu valor e coragem, que todo seu sofrimento não fora em vão pois deu uma demonstração da força e os limites que o ser humano pode alcançar quando devidamente motivado e quando realmente crê em seus ideais, para todo o resto do mundo.

Prosseguindo na análise temos: “Quem quer passar além do Bojador tem que passar além da dor”, há que se mencionar que Bojador é um dos nomes dados ao Cabo da





Boa Esperança, também conhecido como Cabo das Tormentas. Passar além do Bojador permite uma intertextualidade com o Canto V da obra “Os Lusíadas” de Camões, uma vez que trata acerca das aventuras do povo português pelo “mar tenebroso” permite-se que se considere o Bojador como o Gigante Adamastor (último dos Titãs que se mantinha em solo terreno), que fora transformado em rocha pelos Deuses devido ao fato de estar apaixonado por Tetis (uma das deusas relacionadas as águas). O Bojador no poema de Fernando Pessoa está como estava o gigante Adamastor para Vasco da Gama, servindo como um obstáculo, uma dura provação para aqueles que buscam seus objetivos, mas apenas para os que bravamente resistem à dura provação aos que conseguem suportar a dor, e mais, transpassá-la, deixa-la para trás assim como os infortúnios que se apresentam pelo caminho, somente aqueles que tiverem bravura e forem dotados de uma grande alma tendem a conquistar seus objetivos, prosseguindo, sem voltar seus olhos, para o titã iludido e frustrado, bem como sem alimentar sentimentos perniciosos como a dor, que produz sempre um abalo seja físico seja psíquico, não se atendo a pieguices, a um passado sombrio e desesperançoso ou a um complexo de mártir. Ninguém deve esperar que seus principais objetivos sejam facilmente alcançáveis, todo caminho que prima pela evolução é, de uma forma ou de outra, tortuoso, e se o desejo de transpassar e alcançar a glória for real, não importa se for o povo português buscando novas rotas ou terras, ou se é um indigente buscando um trabalho digno, todos devem superar seus limites, bem como os obstáculos que se colocarem a sua frente, e deixarem para trás a dor e o sofrimento que estão sentindo para alcançarem o que desejam, e isto conquistado, o mais importante, deve-se deixar no passado tais sentimentos, como o sujeito lírico expressa deve-se “passar ALÉM da dor”.

Na passagem “Deus ao mar o perigo e o abismo deu” resta clara a postura religiosa do povo português que ao lado da Espanha sempre foi o país mais fervorosamente católico do mundo, foi em Portugal que o Tribunal da Inquisição permaneceu exercendo seu poder por mais tempo. Até um período considerável da história humana imputou-se, ao menos pelo mundo ocidental, a Deus todas as catástrofes e desgraças que pairavam sobre a terra, fossem os monstros criados e existentes no “Mar Tenebroso”, fosse o abismo que se encontrava logo após o Cabo das Tormentas, uma vez que a Terra era considerada achatada uma de suas beiras seria logo após o Bojador, e que levava tantos navios à



destruição e homens à morte. No entanto, mesmo havendo o perigo e o abismo no mar, o eu lírico afirma no verso seguinte que: “Mas nele é que espelhou o céu”, mediante a observação deste verso podemos considerar que mesmo Deus concedendo perigos e o “fim do mundo” ao mar ofertou ao mesmo uma das características mais fabulosas que pode ser imaginada, qual seja a de figurar, refletir o céu no mundo terreno, cremos que tal céu, mencionado pelo “Eu lírico”, não se trata tão somente da figuração do céu físico, com nuvens, de onde brotam as chuvas, mas sim que passe a um nível transcendental, pois é no mar quando se está “sozinho”, que nos sentimos mais unidos, mais em comunhão com tudo e todos que nos “cercam”; mesmo que seja a uma distância considerável, é deslizando sobre as ondas, em um estado constante de perigo que nos sentimos mais vivos; é “preso” em algumas tábuas amarradas que nos sentimos mais livres, livres das amarras da vida em sociedade e das subordinações às leis positivas ou morais imposta pela “civilização” dos homens; é o mais próximo que se pode chegar em vida a um contato com a “justiça divina”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARISTÓTELES, *Arte retórica e arte poética*. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1984.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo, Perspectiva, 1994.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. V. I. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. V. III. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1980.
- LESKY, Albin. *História da literatura Grega*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.